

# C Fantasma

Conto

O T T O K A R H A A N S  
(Do Centro Cultural "Euclides da Cunha")

Jairo é um homem grande; mede aproximadamente dois metros de altura. É alto, portanto, mas não se podia dizer que ele fosse semelhante a uma taquara. Poder-se-ia aintes dizer que fosse um vetusto carvalho.

Entroncado, braços grossos e firmes, de musculatura invejável, Jairo é um homem de bela aparência.

Seu perfil é o de um árabe espadaúdo.

Moreno, usa um largo bigode e possuí espessas sobrancelhas. De olhar firme e profundo, Jairo impõe respeito onde quer que se encontre.

De todos os amigos que Jairo possui, destaca-se Félix. Descreve-lo-ei também, pois que ele é o protagonista desta narrativa.

Jairo e Félix são como unha e carne. Quase nunca se largam.

Félix é o tipo do homem de estatura normal. Mais claro que Jairo, Félix sobressai-se pela sua jovialidade.

Possui o dom de conversar e de encantar com sua prosa a todos quantos o ouvem.

Como os dois trabalham no mesmo escritório, ficam sempre a conversar nas horas de folga.

E, cada dia que passa, mais se acentua essa amizade, uma amizade que se pode dizer fraterna, e destinada a ser eterna.

— X —

Foi conversando com Félix que eu fiquei conhecendo a história que passarei a relatar a seguir. Com aquela "verve" que lhe era peculiar, Félix contou a vários amigos seus, entre os quais eu também me encontrava, a história de como ele viu um fantasma.

Estávamos conversando sobre espíritos e aparições, comentando os diversos artigos publicados em jornais e revistas sobre casos fantasmagóricos, quando Félix apareceu.

Apareceu e se meteu na conversa.

— "Essa história de fantasmas é conversa fiada. Vocês estão falando sem conhecimento de causa. O que é que adianta comentar que apareceu um fantasma em Minas Gerais para algum matuto supersticioso, ou então no Ceará para algum flagelado faminto? É necessário que se comentem fatos ocorridos mais perto, como por exemplo, aqui..."

— "Aqui em nossa cidade?" — inquiriu-mos, abismados.

— "... aqui em nossa cidade!!! Vocês me tiraram as palavras da boca. Ah! ficaram com caras incrédulas, hein? Vocês não acreditam em fantasmas, não é? Pois eu também não acredito!..."

"Eu não acredito em fantasmas, porém, eu já vi um!" — E disse aquilo com tanta seriedade, que nós acabámos por acreditar nele.

"Qual é a causa da aparição de fantasmas?" — perguntou ele.

Cada um de nós expôs uma teoria, cada qual mais amalucada, isso porque começamos a gracejar a fim de espantar os arrepios que nos corriam a torto e a direito pela espinha.

"Não, não é nada disso" — disse-nos Félix, levando a coisa a sério — "a causa primordial é a superstição. O Brasil é u'a mistura de 'três raças tristes', como bem o disse Olavo Bilac num magistral soneto: o índio, com suas credades de boi-tatá, saci-pererê, iára, e outras; o negro, que trouxe consigo, agrilhoados junto com él, inúmeros mitos nascidos no coração da África misteriosa; e o português, apesar de branco, supersticioso por natureza e por tradição, e que acabou se acostumando com a superstição do índio e do negro.

"Essa é, pois, a causa primordial. Depois, a circunstância. Um ambiente isolado, solitário, abandonado, por exemplo, em combinação constante com a superstição, justifica plenamente a aparição de fantasmas. E, por último, o medo, o terrível e humano medo, que um sacrifício já definiu como sendo receio para él e covardia para o resto da Humanidade, o

medo do sobrenatural inconcebível mas justificável devido à superstição.

"A superstição, porém, é mais própria às pessoas de pouca ou nenhuma instrução. As pessoas instruidas já por intuição não acreditam em fantasmas, as quais são consideradas, e com muita razão, tolices.

"Eu não acredito em fantasma e, no entanto, creiam-me, ontem à noite vi um raro exemplar, com estes olhos que a terra há-de comer!"

O O O

Ficámos bestificados. Não podíamos acreditar no que Félix nos estava afirmando. Pensávamos que él estivesse brincando conosco.

Mas, para não estragarmos o colorido da história, não o interrompemos...

O O O

"Pois vocês querem saber como foi?

Está muito bem; então ouçam, mas ouçam com atenção. Depois, se vocês tiverem coragem suficiente, iremos até o local, onde poderei apresentar as mais concludentes provas da existência desse fantasma, pois que él continua lá, no mesmo lugar. Pode-se dizer que él é um fantasma hipnotizado.

"Vocês todos devem conhecer o Jairo, não é? Pois bem. Ele viajou ante-ontem e só deverá voltar na próxima semana.

"Isso quer dizer que él não pode estar nesta cidade, de forma alguma. Pois eu o vi ontem à noite.

"Como eu não tinha o que fazer e não sabia como passar as minhas horas de folga, eu resolví adiantar um pouco o meu serviço no escritório. Fui para lá sete e meia da noite, aproximadamente.

Sentei-me à minha mesa e comecei a bater umas faturas à máquina. Eu estava sózinho no escritório. Além de mim, não havia viv' alma lá dentro.

E, quando se está só — é natural — o medo vem mansamente dar umas cotadas na gente. Acendi portas fôndas e lâmpadas, a fim de que o medo passasse e me deixasse em paz. Comecei a assobiar a marchinha carnavalesca, para acalmar o ritmo das teclas da máquina de escrever e também para espantar mais o medo que se apossava de mim a poucos.

"Ao fim de uma hora-e-meia de serviço constante e ininterrupto, resolví descansar as mãos e os dedos um pouco.

"Ao parar o serviço, olhei por acaso para trás e estremeci.

"A sala onde me encontrava era escurecida. Saía-se por uma porta, dobrava-se se saísse por outra porta, que dava para um corredor. Só depois de atravessar o corredor é que se podia ganhar a rua.

"Pois bem. Na sala do meio, em frente à porta onde eu deveria sair mais tarde, hâ uma porta envideirada.

"E, refletida no vidro daquela porta, eu vi... o vulto de Jairo, olhando para mim, de mãos no bôlo. Olhando para mim, em silêncio.

"Olhei bem. Não podia ser outro. Jairo, segundo a conclusão imediata a que cheguei, devia ter voltado súbitamente da viagem, e regressado ao escritório, onde me ver, estacara também de espanto.

"Levantei-me, dizendo: — 'Jairo, como é que você entrou sem fazer barulho?'

"E Jairo, ao invés de responder, desapareceu como que por encanto. Corri à porta. Na sala fronteira, silêncio. Tudo deserto. Eu só ouvia a minha respiração e o bater apressado e medroso de meu coração.

"Não era possível, pensei comigo mesmo. Não posso ter visto um fantasma.

"Voltei à minha sala e abri, ou melhor escancerei a janela. Se o fantasma de Jairo voltar, pularei pela janela e: 'Pernas para que vos quer', pensei. E comecei a ligar esse fato com outros que já me haviam contado. Jairo morrerá e virá me avisar de sua morte. Sim, só podia ser isso.

"A fim de acalmar os nervos, tirei um cigarro da carteira, acendi-o e comecei a tragar a fumaça nervosamente. Meus dedos tremiam. Eu não podia continuar a trabalhar desse jeito. Sentei-me à máquina e tentei escrever. Não podia.

"Não é possível, exclamei. E virei-me novamente para ver se o fantasma voltaria. Podia ser que sim.

"E voltou mesmo.

"Lá estava él, novamente, refletido no vidro.

"Olhando para aquele vulto que me parecia sinistro, levantei-me da cadeira para fugir pela janela.

"Assim que me levantei, o vulto desapareceu. Aí, de repente, perdi o medo. Eu tinha tido uma ideia luminosa. Sentei-me novamente e olhei para o vidro daquela malfadada porta. Lá estava o vulto de Jairo. E assim repetí a experiência por mais umas seis vezes. E sempre dava certo.

"Aí, então, não tive mais dúvida. Era..."

O O O

Afoites, assombrados, maravilhados atônitos, em suma, bestificados novamente, acompanhámos todos Félix até o escritório onde él trabalha.

E, um por um, tivemos de nos sentar no mesmo lugar onde él estivera sentado na noite anterior, e nos fez olhar para o mesmo lugar onde él havia visto o fantasma de Jairo. Olhámos e também o vimos.

Era fácil a explicação para o fato.

Era apenas o reflexo, no vidro daquela porta, de um armário que estava na outra sala, e que tinha ao lado uma folhinha de papel. Vistos daquele ângulo e daquela distância, o armário com a folhinha superposta, davam a extraordinária semelhança com o vulto de Jairo: o mesmo terno, mesmo paletó aberto, as mesmas mãos nos bolsos das calças, as mesmas sobrancelhas, o mesmo bigode; em suma, o mesmo Jairo.

"Extraordinário!" — exclamámos, aliviados. E assim, mesmo não acreditando em fantasmas, todos nós vimos um deles.

O O O

Quem não acreditar, pode ir procurar o Félix, que él terá todo o gosto em mostrar o fantasma. Ele não faz questão de hora. A qualquer hora do dia ou da noite, procurem o Félix, que él lhes mostrará o fantasma de Jairo. E, se quiserm, Jairo também poderá ir junto. É só uma questão de oportunidade.